

2013

O Odisseu da Travessia Democrática Brasileira – a força do mito do herói no discurso de Ulysses Guimarães



O ODISSEU DA TRAVESSIA DEMOCRÁTICA BRASILEIRA – A força da metáfora e do mito do herói no discurso de Ulysses Guimarães

(Este trabalho é de inteira responsabilidade de seu autor, não representando necessariamente a opinião da Câmara dos Deputados.)

No dia 12 de outubro de 2012, completaram-se vinte anos do desaparecimento de Ulysses Guimarães, principal navegador do percurso democrático brasileiro. Ele terminou a sua missão no mar, berço final ideal para acolher os grandes argonautas, após uma série de lutas e de aventuras. Foi ele quem nos levou sabiamente para o porto seguro da democracia, do debate, da participação política. A nossa Constituição democrática chegou ao seu destino — a população do Brasil —, graças ao seu trabalho incansável de defender o regime representativo, que, se não é perfeito, é o melhor que o ser humano conseguiu construir para substituir a guerra e a ditadura. Seu nome transformou-se em uma marca (no sentido do *brand* inglês), tamanha a força de sua palavra e a justeza dos seus atos. Sua pessoa e sua palavra se harmonizavam em consonância, sem ruído. Podemos afirmar que a identidade discursiva de Ulysses se encontrava com a sua identidade pessoal. Ulysses vivia o que falava; não havia um hiato entre a sua palavra e as suas ações. Por isso, o poder de convencimento do seu discurso era tão grande: era o peso do seu *ethos*.

O Poder Legislativo é o Poder do equilíbrio de forças, da garantia da continuidade do percurso democrático, que está dinamicamente sendo construído e reconstruído a todo momento. Não é sem intenção a ideia dos geniais Niemeyer e Lúcio Costa, na Praça dos Três Poderes, em Brasília: o Poder Legislativo está no centro, entre o Executivo e o Judiciário. Essa concepção arquitetônica é uma concepção discursiva, qual seja, a de garantir o lugar de fiel da balança ao regime representativo do País.

O discurso parlamentar visa ao convencimento, à persuasão. E o que faz um discurso ter mais poder de persuasão do que outro? Em que reside o seu poder de persuasão, a sua perfeita retórica, que conquista os corações? Na Grécia antiga o orador modelo deveria possuir a credibilidade moral, o *ethos*. A credibilidade moral deveria ser a característica principal de um político.

Não é simples encontrar e resumir as razões que fizeram de Ulysses Guimarães um dos maiores nomes do Parlamento brasileiro. Obviamente a trajetória de vida de um ser humano é plena de experiências únicas que poderão formar e conformar desta ou daquela maneira o caráter e a subjetividade daquele indivíduo. Mas podemos pensar um pouco na clássica ideia de Aristóteles, em seu ensaio sobre política. Em primeiro lugar, com certeza, em Ulysses havia a consonância moral entre o que fazia e o que falava, o seu *ethos*. Mas também devemos considerar a sua retórica poderosa, a sua expertise em usar a metáfora exata no momento certo, para defender a sua argumentação, o seu *logos*. E devemos também ter em mente a sua capacidade de emocionar o público com a sua palavra, o seu *pathos*. Segundo a classificação de Aristóteles, *ethos*, *logos* e *pathos* formavam a tríade necessária para se ter um bom orador.

Neste artigo, pretendemos analiticamente explicitar alguns aspectos discursivos de um dos inúmeros presentes oratórios com que Ulysses brindou o Legislativo brasileiro. É importante porque se trata de uma defesa apaixonada dos valores democráticos. Aliás, esta é a palavra: paixão. Ulysses usava a palavra com paixão e isso o distinguia entre os outros Parlamentares.



CONTEXTUALIZAÇÃO E ANÁLISE DO DISCURSO – Ulysses pronunciou esse discurso em 27 de julho de 1988, no qual enaltece o trabalho dos Constituintes na feitura da nova Constituição brasileira, símbolo e leme da recente democracia nacional. O orador Ulysses pronunciou esse discurso em resposta ao então Presidente José Sarney, que criticou o projeto constitucional em votação no Congresso, acusando-o de tornar ingovernável o País. Ulysses responde em seu discurso: “*A Constituição, com as correções que faremos, será a guardiã da governabilidade*”.

Realizando semioticamente uma alusão indireta a José Sarney, Ulysses relembrava a figura do velho do Restelo, personagem pessimista e conservador do poema épico *Os Lusíadas*, de Luiz de Camões, que tentava reduzir o valor dos feitos resultantes dos atos indômitos dos grandes navegadores. O velho do Restelo disse a Vasco da Gama, pouco antes de este subir ao navio, rumo às conquistas dos mares:

*"A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás? que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?"*
(Camões. Os Lusíadas. Canto IV.)

A metáfora matriz desse discurso de Ulysses é aquela que iguala o caminho político-legislativo que levou à escritura, aprovação e promulgação da Constituição Cidadã à viagem dos grandes navegadores, especificamente à viagem de Vasco da Gama, que culminou com a descoberta da rota marítima para as Índias. Com essa metáfora matriz, temos que Ulysses fica identificado com Vasco da Gama, grande herói português; e os outros Parlamentares se identificam com os outros navegadores comandados por Vasco/Ulysses; e a Assembleia Nacional Constituinte fica igualada a uma epopeia marítima, uma epopeia que poderá ser a história mítica-fundadora da Nação Brasil. Desta forma, temos não apenas a força das metáforas, mas também a força da revisitação do mito do herói nacional, como aquele que sofre todos os percalços dos percursos, mas que será recompensado, porque os sofrimentos terão valido a pena, parafraseando Pessoa, a respeito das grandes feitos dos grandes navegadores, em seu poema intitulado Mar Português:

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!*

*Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.*

*Quem quiere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
(Fernando Pessoa. Mensagem. Mar Portuguez.)*



E para mostrar que valeu a pena todo o esforço legislativo dos Constituintes, afirmou o orador:

“Esta Constituição, o povo brasileiro me autoriza a proclamá-la. Não ficará como bela estátua inacabada, mutilada ou profanada. (Palmas.)

O povo nos mandou aqui para fazê-la, não para ter medo.

Viva a Constituição de 1988!

Viva a vida que ela vai defender e semear! (Muito bem! Palmas prolongadas.)

A Sra Vilma Pereira, Chefe da Coordenação de Histórico de Debates do Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação da Câmara dos Deputados, que presenciou essa fala de Ulysses, afirmou que “Ulysses fez o discurso “Constituição Cidadã” e colocou o projeto em votação, em primeiro turno, que foi imediatamente aprovado, ressalvados os destaques”. O *quorum* final foi: 403 votos “sim”, 13 votos “não” e 55 abstenções.

Dessa forma, é razoável afirmar que a força persuasiva desse discurso de Ulysses Guimarães reside principalmente nas metáforas de uma epopeia viagem marítima. O discurso também tem força de convencimento por se mostrar uma narrativa do mito, a epopeia, portanto um discurso fundador do mito do herói nacional e da identidade nacional. É procedente, como analistas, atentarmos para as metáforas que constroem a estrutura desse discurso com ecos do gênero epopeia, que narra as aventuras dos heróis.

Como quadro das metáforas e suas glosas, teríamos:

Quadro 1 – Glosa das metáforas referentes à epopeias marítimas.

METÁFORAS	GLOSAS
Epopeia marítima	Escritura da Constituição Cidadã
Herói nacional – Vasco da Gama	Ulysses Guimarães
Outros heróis navegadores	Os legisladores constituintes
Velho do Restelo	José Sarney, então Presidente do Brasil

Vejamos os recursos semióticos discursivos que constroem essas metáforas nesse discurso de Ulysses Guimarães:

RECURSOS DISCURSIVOS	EFEITOS/FUNÇÕES SEMIÓTICOS
<i>Foi longa a travessia</i> de 18 meses	Valorizar o trabalho dos constituintes, comparando-o a uma viagem marítima epopeica.
<i>Governar é encurtar distâncias</i>	Explicitar as vantagens de um bom navegador, comparando governar a conquistar novos caminhos marítimos.
<i>rompendo</i> padrões valetudinários e <i>enfrentando a rotina e o status quo.</i>	Mostrando que quem quer inovar tem peitar o conservadorismo, o que valoriza a coragem dos constituintes.



<p>a Constituição, com as correções que faremos, será a <i>guardiã</i> da governabilidade</p>	<p>Ao comparar a Constituição a uma <i>guardiã</i>, o orador afirma, em resposta a Sarney, que ingovernabilidade é a ausência da Constituição.</p>
---	--

Observamos que o uso do mito do herói nacional e da metáfora é essencial para o poder de persuasão do discurso de Ulysses ora analisado. A metáfora tem um apelo cognitivo e afetivo muito grande, o que ajuda a formar o seu poder subliminar.

A força do mito criador da identidade nacional também é incomensurável. Charteris-Black afirma: “O mito origina-se em emoções como o medo do perigo, do escuro e da morte”. (CHARTERIS-BLACK, 2011, p. 22.).

Sobre o mito matriz da identidade nacional, Stuart Hall afirma o seguinte:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2005, p. 50)

Podemos observar que, sob o mito do herói nacional, aquele que constrói a identidade nacional, estão as várias metáforas, tijolos de construção do mito, que o justificam e o fortalecem.

É plausível afirmarmos que Ulysses Guimarães transformou-se também em um mito no sentido de herói da democracia brasileira e também o seu nome metamorfoseou-se em uma marca, no sentido comercial do termo. O nome “escapou” do seu dono e transformou-se em uma marca de qualidade discursiva, política e com alto poder de persuasão¹.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Discurso de Ulysses Guimarães**. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/atividade-legislativa/plenario/discursos/escrevendohistoria/ULYSSES-GUIMARAES-vinte-anos-do-seu-desaparecimento/ulysses-quimaraes-vinte-anos-do-seu-desaparecimento>

Acesso em 10.10.2012.

CHARTERIS-BLACK, J. **Politicians and Rhetoric**. The persuasive power of metaphor. New York: Palgrave Macmillan, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

¹ Análise realizada por Maria Lílian de Medeiros Yared.





ANEXO

Discurso proferido na sessão de 27 de julho de 1988, publicado no DANC de 28 de julho de 1988, p. 12150-12151.

O SR. PRESIDENTE (Ulysses Guimarães) – Quando iniciamos a votação do segundo turno do projeto da futura Constituição, testemunho o trabalho competente e responsável dos constituintes nas subcomissões, comissões temáticas, Comissão de Sistematização e no plenário. Trinta e nove mil emendas estudadas e apresentadas documentam esse extraordinário esforço e o empenho posto pelos Constituintes em contribuir conscientemente para a qualidade do texto. Foi longa a **travessia** de 18 meses. Cerca de 5.400.000 pessoas livremente ingressaram no edifício do Congresso Nacional. Quem leva, sem discriminação, contribuição ou crítica a fazer, pôde ou pode tempestivamente fazê-lo. As portas estavam e continuam abertas: é só transpô-las.

Saúdo o Relator Bernardo Cabral, que confirmou seu renome de jurista e sua espartana dedicação, (*palmas*) coadjuvado pelos Relatores-Adjuntos Konder Reis, José Fogaça e Adolfo Oliveira. (*Palmas.*)

Sem a compreensão e o talento dos líderes partidários não chegaríamos à fase atual de nossos trabalhos. Os funcionários, representados pelo Secretário-Geral da Mesa, Dr. Paulo Affonso (*palmas*), e representantes da imprensa merecem nosso reconhecimento.

O projeto submetido a segundo turno é longo – 321 artigos –, versando matéria complexa e tantas vezes controvertida.

Inevitavelmente **abriga** imperfeições, previstas com a instituição de um segundo turno revisionista e pelo número de emendas e destaques apresentados. Existem, reconheço; vamos corrigi-las.

Mas, mesmo na fase atual, o projeto tem muito mais do que nos orgulharmos do que de nos arrependermos dessa Constituição que escrevemos. (*Muito bem! Palmas prolongadas.*)

Assinale-se sua coragem em inovar, a começar pela **arquitetura** original de sua confecção, rompendo padrões valetudinários e enfrentando a rotina e o *status quo*.

Não ouvimos o *establishment*, **encarnado no velho do restelo**, conclamando, na praia alvoroçada da partida, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral e Camões para permanecerem em casa, saboreando bacalhau e o caldo verde, ao invés da aventura das Índias, do Brasil e dos Lusíadas e amaldiçoando “o primeiro que, no mundo, nas ondas velas quis em seco lenho”. (*Muito bem! Palmas.*)

Esta Constituição terá **cheiro** de amanhã, não de mofo. (*Muito bem!*)

Para não me alongar, reporto-me a alguns aspectos, que reputo inaugurais, do texto ora submetido ao crivo da revisão constituinte.

A soberania popular, sem intermediação, poderá decidir de seus destinos. Os cidadãos apresentarão propostas de lei, portanto nela terão a iniciativa congressual, e também os cidadãos poderão rejeitar projetos aprovados pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal. Portanto, os cidadãos propõem e vetam.

Poucas Constituições no mundo democrático têm essa presença direta e atuante da sociedade na elaboração dos preceitos de império em seu ordenamento jurídico. O Brasil será, assim, uma república representativa e participativa. Teremos a convivência e a fiscalização de mandatos e mandatários a serviço da sociedade.

Após quase 500 anos, o projeto redime a geografia do Brasil.

Nossa geografia é violentada pela concentração nacional de rendas e de competência. (*Muito bem!*) Nossa geografia é regional, é local e municipal, com municípios maiores do que muitos países.

As urnas dão votos para os governadores e prefeitos administrarem. Mas só a autêntica Federação, que estamos organizando, dá o dinheiro para que tais governos



dêem respostas às necessidades localizadas. (*Muito bem! Palmas.*)

Federação é governo junto com o homem, não o homem correndo atrás do Governo estadual ou de Brasília, freqüentemente longínquo e indiferente. (*Muito bem!*)

Esta **alforria**, do homem e de seus governantes, foi decretada pela transferência de 47% dos recursos da União para os Estados e Municípios, 21,05% àqueles e 22,05% para estes.

Se não tivéssemos feito mais nada, só com isso teremos feito muito. (*Muito bem! Palmas.*)

Cooperamos para reversão da instável e injusta pirâmide social brasileira de 130 milhões de brasileiros carentes na base projetada para o ar e apoiada em seu vértice em Brasília, onde estão os recursos.

Com os hodiernos conceitos de segurança, estamos entre os sete países que a adotam, instituindo a universalidade dos beneficiários, mesmo aos que comprovadamente não possam contribuir.

Como **governar é encurtar distâncias**, diminui-se pela equivalência a separação entre o trabalhador rural, com 8 benefícios, e o urbano, com 32.

Quanto aos 11 milhões de aposentados, foi-lhes garantido o valor real dos proventos através do tempo, para que não sejam **destroçados pela inflação**, como hoje ocorre, ocasionando a humilhação, o desespero e a morte.

Sras. e Srs. Constituintes, a Constituição, com as correções que faremos, será a **guardiã da governabilidade**. (*Muito bem! Palmas prolongadas.*)

A governabilidade está no social. A fome, a miséria, a ignorância, a doença inassistida são ingovernáveis.

A injustiça social é a negação do Governo e a condenação do Governo. (*Palmas.*)

A boca dos Constituintes de 1987-1988 **soprou o hábito oxigenado** da governabilidade pela transferência e distribuição de recursos viáveis para os munícipes, os securitários, o ensino, os aposentados.

Repto, esta será a Constituição cidadã. Porque recuperará como cidadãos milhões de brasileiros. (*Palmas.*)

Cidadão é o usuário de bens e serviços do desenvolvimento. Isso hoje não acontece com milhões de brasileiros, segregados nos guetos da perseguição social.

Esta Constituição, o povo brasileiro me autoriza a proclamá-la. Não ficará como **bela estátua inacabada, mutilada ou profanada.** (*Palmas.*)

O povo nos mandou aqui para fazê-la, não para ter medo.

Viva a Constituição de 1988!

Viva a vida que ela vai **defender e semear!** (*Muito bem! Palmas prolongadas.*)



Banco de Discursos da Taquigrafia

www.camara.leg.br/bancodediscursos

analisededisco^rso@camara.leg.br

Coordenação de Histórico de Debates, Anexo II, subsolo, Câmara dos Deputados

Brasil - Brasília-DF



Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

